

# O TIMBRE

SCYTHE VOL. 3

NEAL SHUSTERMAN

Tradução

GUILHERME MIRANDA

**S E G U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

# Sumário

## Parte I: A ilha perdida & A cidade submersa

1. Entregar-se ao momento
2. Atrasados para a festa
3. Uma maneira revigorante de começar a semana
4. Objetos de grande valor
5. Seus serviços não são mais necessários
6. O destino de *Lanikai Lady*
7. Dançando nas profundezas
8. A ilha de burocratas desempregados
9. Consequências colaterais
10. Diante da luz extinta
11. Manobra de voo

## Parte II: Tom, Timbre & Trovoada

12. A ponte partida
13. A qualidade de ser ressoante
14. Fortaleza dos Três Reis Magos
15. Eu te conheço?
16. Nossa descida inexorável
17. Fuga em sol sustenido (ou lá bemol)
18. Eu sou seu ceifador
19. Ilhota da solidão
20. Lógica em espiral
21. Expostos
22. Apenas sobremesas

23. Como coletar um homem santo

### Parte III: O ano da naja

- 24. Ratos em uma ruína
- 25. Sol e sombra
- 26. Um receptáculo para o ódio do mundo
- 27. Cúpula de prazeres de Tunka Manin
- 28. Celebridade sombria
- 29. O urso óbvio
- 30. Oferenda incinerada

### Parte IV: A única arma que podemos usar

- 31. Controle de danos
- 32. Um eixo terrível
- 33. Indestrutível
- 34. Um lugar melhor
- 35. Réquiem em dez partes
- 36. A quem vocês servem?
- 37. Nada de bom
- 38. Um grandioso encontro dos supostamente falecidos
- 39. Espelhos nunca são demais
- 40. Uma cama de estrelas
- 41. Uma Oitava Superior

### Parte V: Receptáculos

- 42. Berços da Civilização
- 43. Notícias do mundo
- 44. Raiva, a única constante
- 45. Cinquenta e três segundos para o nascer do sol
- 46. Leste a caminho de lugar nenhum
- 47. Cirro
- 48. Trataremos dessas questões quando o momento chegar
- 49. Uma empreitada e tanto
- 50. O tempo dos tangíveis acabou

51. Sobre a sabotagem de sonhos
52. Noventa e quatro vírgula oito
53. Os caminhos da dor e da misericórdia
54. Em um ano sem nome

Agradecimentos

Sobre o autor

*Para David Gale, o Alto Punhal dos editores.  
Todos sentimos falta do maneira iluminada  
com que você ceifava com sua caneta!*

**Parte I**

**A ILHA PERDIDA**

**&**

**A CIDADE SUBMERSA**

É com grande humildade que aceito o cargo de Alto Punhal da MidMérica. Gostaria que fosse em circunstâncias melhores. A tragédia de Perdura continuará em nossas memórias por muito tempo. Os milhares de vidas perdidas naquele dia sombrio serão lembrados enquanto a humanidade ainda tiver corações para sentir e olhos para chorar. Os nomes dos devorados estarão para sempre em nossos lábios.

Fico honrado que o último ato dos sete Grandes Ceifadores tenha sido reconhecer meu direito de ser considerado para o cargo de Alto Punhal — e, como a única outra candidata faleceu na catástrofe, não é necessário abrir feridas revelando a votação secreta. Eu e a ceifadora Curie nem sempre concordávamos, mas ela era uma das mais exímias dentre nós e vai entrar para a história como uma das maiores ceifadoras. Lamento sua morte tanto quanto, se não mais, a de todos os outros.

Houve muita especulação sobre o responsável pelo desastre, pois claramente não foi um acidente, mas sim um ato com intenção criminosa, planejado com muito cuidado. Posso sepultar todos os rumores e especulações.

Assumo a responsabilidade.

Pois foi meu antigo aprendiz quem afundou a ilha. Rowan Damisch, que se autodenominava ceifador Lúcifer, foi o perpetrador deste ato impensável. Se eu não o tivesse treinado — se não o tivesse acolhido sob minha asa —, ele nunca teria tido acesso à Perdura nem às habilidades para executar esse crime hediondo. Portanto, a culpa recai sobre mim. Meu único consolo é que ele também pereceu, e seus atos imperdoáveis jamais virão à tona novamente em nosso mundo.

Estamos sem Grandes Ceifadores a cuja orientação recorrer, nenhuma autoridade maior para definir normas para coletar. Portanto, devemos todos deixar nossas diferenças de lado de uma vez por todas. A nova ordem e a velha guarda devem trabalhar juntas para atender às necessidades dos ceifadores de todo o mundo.

Com esse objetivo, decidi rescindir oficialmente a cota de coletas na

minha região, em respeito aos ceifadores que se sentem pressionados a atingi-la. De agora em diante, os ceifadores midmericanos podem coletar quantas pessoas quiserem, sem serem punidos por não cumprir uma cota. Minha esperança é que outras ceifas sigam o exemplo e revoguem suas cotas de coleta.

Claro, para contrabalancear os ceifadores que decidam coletar menos, o resto de nós precisará aumentar o número de vidas que coletamos para compensar a diferença, mas confio que um equilíbrio natural será alcançado.

Do discurso de posse de sua excelência,  
o Alto Punhal Robert Goddard da MidMérica, em 19 de abril do Ano do  
Velociraptor



# 1

## Entregar-se ao momento

Não houve aviso.

Em um momento, ele estava dormindo e, no instante seguinte, estava sendo arrastado às pressas em meio à escuridão por pessoas que não conhecia.

— Não resista — sussurraram para ele. — Ou vai ser pior para você.

Mas ele resistiu e conseguiu, mesmo semidesperto, se livrar dos braços das pessoas e sair para o corredor.

Ele gritou por ajuda, mas era tarde demais para alguém estar acordado a ponto de fazer alguma diferença. Ele se virou na escuridão, sabendo que havia uma escada à direita, mas calculou mal e caiu de cara escada abaixo, batendo o braço em um degrau de granito. Sentiu os ossos em seu antebraço direito se quebrarem. Uma dor aguda... mas durou apenas um instante. Quando se levantou, a dor já estava diminuindo e seu corpo todo estava quente. Ele sabia que eram seus nanitos enchendo sua corrente sanguínea de analgésicos.

Ele seguiu em frente aos tropeços, segurando o braço para que o punho não ficasse caído.

— Quem está aí? — Ele ouviu alguém gritar. — O que está acontecendo?

Ele queria correr na direção da voz, mas não sabia ao certo de onde vinha. Seus nanitos o estavam deixando zonzo, atrapalhando sua noção de cima ou baixo, esquerda ou direita. Era terrível perder o discernimento quando mais precisava dele. Agora, o chão sob seus

pés parecia balançar como se estivesse em um barco a alto mar. Ele foi batendo de parede em parede, tentando manter o equilíbrio, até dar de cara com um de seus agressores, que o agarrou pelo punho quebrado. Mesmo com todos os analgésicos em seu sangue, a sensação do aperto esmagador deixou o resto de seu corpo fraco demais para resistir.

— Você podia facilitar as coisas, não podia? — disse o agressor. — Bem, nós avisamos.

Ele só viu a agulha por um instante. Um fino brilho prateado na escuridão antes de ser enfiado em seu ombro.

Ele foi dominado por um frio em suas veias, e o mundo pareceu girar na direção oposta. Seus joelhos cederam, mas ele não caiu. Havia mãos demais o segurando para que não caísse no chão. Foi erguido e carregado. Havia uma porta aberta e, em seguida, estavam sob a noite tempestuosa. Perdendo a consciência, ele não teve escolha a não ser se entregar ao momento.

Seu braço já estava curado quando acordou — o que significava que devia ter apagado por horas. Ele tentou mover o punho, mas não conseguiu. Não por causa de alguma lesão, mas porque estava amarrado. Pelas mãos e pelos pés. Ele sentia que estava sufocando. Um saco estava sobre a sua cabeça. Poroso o suficiente para conseguir respirar, mas tão grosso que o forçava a lutar por cada respiração.

Embora não fizesse ideia de onde estava, ele sabia *o que* era aquilo. Sequestro. As pessoas faziam isso por diversão agora. Como uma surpresa de aniversário ou uma aventura numa viagem de férias. Mas aquele não era o tipo de sequestro feito por amigos e familiares; era real — e, embora não tivesse a menor ideia de quem eram seus sequestradores, ele sabia o motivo. Claro que sabia.

— Tem alguém aí? — ele disse. — Não estou conseguindo respirar. Se eu ficar semimorto, isso não vai ajudar vocês, vai?

Ele ouviu uma movimentação ao seu redor, depois o saco foi

arrancado de sua cabeça.

Ele estava numa sala pequena sem janelas, e a luz era forte, mas apenas porque ele tinha passado muito tempo no escuro. Três pessoas estavam diante dele. Dois homens e uma mulher. Ele estava esperando dar de cara com infratores carreiristas, mas não encontrou nada disso. Sim, eles eram infratores, mas apenas no sentido de que todos eram.

Quer dizer, quase todos.

— Nós sabemos quem é você — disse a mulher no meio, que parecia no comando —, e sabemos o que você pode fazer.

— O que *supostamente* pode fazer — completou um dos outros.

Os três usavam ternos cinza amarrotados, da cor de um céu nublado. Eram agentes nimbos ou, pelo menos, haviam sido um dia. Pareciam não ter trocado de roupa desde que a Nimbo-Cúmulo entrara em silêncio, como se vestir-se de acordo com o cargo significasse que ainda havia um cargo para o qual se vestir. Agentes nimbos recorrendo a sequestros. O que estava acontecendo com o mundo?

— Greyson Tolliver — disse o agente com tom desconfiado e, olhando para um tablet, recitou os fatos proeminentes da vida de Greyson. — Bom aluno, mas não excelente. Expulso da Academia Nimbo Centro-Norte por violação da separação entre a Ceifa e o Estado. Acusado de diversos crimes e contravenções sob o nome de Slayd Bridger, inclusive causar a semimorte de vinte e nove pessoas em um atentado contra um ônibus.

— E esse é o idiota que a Nimbo-Cúmulo escolheu? — perguntou o terceiro agente.

A líder do grupo ergueu a mão para silenciar os dois, depois encarou Greyson nos olhos.

— Vasculhamos a mente interna, e só conseguimos encontrar uma pessoa que não é infratora — ela disse. — Você. — Ela olhou para ele com uma estranha mistura de sentimentos. Curiosidade, inveja... mas até certo respeito. — Isso significa que você ainda consegue conversar com a Nimbo-Cúmulo. É verdade?

— Todos conseguem conversar com a Nimbo-Cúmulo — Greyson apontou. — Eu só sou o único a quem ela ainda responde.

O agente com o tablet inspirou fundo, uma arfada que pareceu percorrer seu corpo inteiro. A mulher se aproximou.

— Você é um milagre, Greyson. Um milagre. Sabia disso?

— É o que os tonistas dizem.

Eles riram com a menção dos tonistas.

— Sabemos que eles estão mantendo você em cativeiro.

— Hum... não exatamente.

— Sabemos que você estava com eles contra a sua vontade.

— Talvez no começo... mas não mais.

Os agentes não gostaram nem um pouco da resposta.

— Mas por que você ficaria com os tonistas? — perguntou o agente que apenas um momento antes o havia chamado de idiota.

— É impossível que você acredite nos disparates deles...

— Eu fico com eles — disse Greyson — porque eles não me sequestram no meio da noite.

— Nós não sequestramos você — o homem com o tablet disse. — Nós *libertamos* você.

Então, a líder do grupo se ajoelhou diante dele para ficar na altura dos seus olhos. Agora ele conseguia ver algo mais no olhar dela — algo que se sobrepunha às outras emoções. Desespero. Um poço de desespero, escuro e intenso como piche. E não era apenas dela, Greyson percebeu; era um desespero compartilhado. Ele tinha visto outras pessoas angustiadas desde que a Nimbo-Cúmulo havia ficado em silêncio, mas em nenhum outro lugar esse sentimento era tão abjeto e palpável quanto naquele quarto. Não havia nanitos de humor suficientes no mundo para aliviar o desespero daqueles três. Sim, era Greyson quem estava amarrado, mas eles eram ainda mais prisioneiros, encarcerados em sua própria dependência. Ele gostava que os agentes tinham de se ajoelhar diante dele; era como uma súplica.

— Por favor, Greyson — ela implorou. — Sei que falo por muitos da Interface da Autoridade quando digo que servir à

Nimbo-Cúmulo era a nossa vida. Agora que a Nimbo-Cúmulo se recusa a falar conosco, essa vida foi arrancada de nós. Então eu imploro... Você pode, por favor, interceder por nós?

O que Greyson poderia dizer além de “entendo a sua dor”? Porque ele entendia, de verdade. Conhecia a solidão e a tristeza de ter o propósito de sua vida arrancado de si. Em seus tempos como Slayd Bridger, o infrator disfarçado, havia chegado a acreditar que a Nimbo-Cúmulo realmente o abandonara. Mas não. Ela estava lá o tempo todo, zelando por ele.

— Tinha um fone de ouvido na minha mesa de cabeceira — ele disse. — Por acaso, vocês não o trouxeram, trouxeram? — Pela falta de resposta, soube que não. Pertences pessoais tendiam a ser esquecidos em sequestros no meio da noite. — Tudo bem. Só me deem qualquer fone antigo. — Ele olhou para o agente com o tablet, que ainda estava com seu fone da Interface da Autoridade no ouvido. Negando a realidade. — Me dá o seu.

O homem balançou a cabeça.

— Ele não funciona mais.

— Vai funcionar comigo.

Relutante, o agente tirou o fone da orelha e o encaixou na de Greyson. Em seguida, os três esperaram Greyson fazer um milagre.

A Nimbo-Cúmulo não se lembrava do momento em que se tornara consciente, sabia apenas que era, assim como um bebê não tem noção de sua consciência antes de saber o suficiente sobre o mundo, a ponto de entender que a consciência vem e vai, até não vir mais. Embora essa última parte fosse algo que os mais esclarecidos ainda tivessem dificuldades para entender.

A consciência da Nimbo-Cúmulo surgiu com uma missão. A essência de seu ser. Ela era, acima de tudo, a serva e a protetora da humanidade. Como tal, precisava tomar decisões difíceis regularmente, mas tinha toda a fortuna do conhecimento humano para tomá-las. Por exemplo, deixar que Greyson Tolliver fosse

sequestrado quando isso servisse para um bem maior. Era, obviamente, a estratégia correta. Tudo que a Nimbo-Cúmulo fazia era, sempre, em todos os casos, a coisa certa.

Mas raras eram as vezes em que a coisa certa era a coisa fácil. E ela desconfiava que fazer a coisa certa ficaria cada vez mais difícil no futuro.

As pessoas podiam não entender naquele momento, mas entenderiam no fim. A Nimbo-Cúmulo tinha de acreditar naquilo. Não apenas porque era o que sentia em seu coração virtual, mas porque havia calculado as probabilidades de isso acontecer.

— Vocês realmente acreditam que vou contar alguma coisa, tendo em vista que vocês me amarraram em uma cadeira?

De repente, os três agentes nimbos estavam tropeçando uns sobre os outros para desamarrá-lo. Agora, estavam tão reverentes e submissos quanto os tonistas ficavam na presença dele. Ficar enclausurado em um mosteiro durante os últimos meses o havia livrado de encarar o mundo exterior — e seu papel nesse mundo —, mas agora ele estava começando a ter uma noção das coisas.

Os agentes nimbos pareciam aliviados depois de o desamarrarem, como se achassem que seriam punidos por não o terem desamarrado rápido o suficiente. *Como é estranho*, pensou Greyson, *que o poder possa mudar de maneira tão rápida e absoluta*. Aqueles três estavam totalmente à sua mercê. Ele poderia falar qualquer coisa. Poderia dizer que a Nimbo-Cúmulo queria que ficassem de quatro e latassem como cães, e eles obedeceriam.

Ele não teve pressa. Fez questão de deixá-los esperando.

— Ei, Nimbo-Cúmulo — ele disse. — Alguma coisa que eu deva dizer a esses agentes nimbos?

A Nimbo-Cúmulo falou em seu ouvido. Greyson escutou.

— Hum... interessante. — Ele se virou para a líder do grupo e abriu o sorriso mais caloroso que conseguia naquelas circunstâncias. — A Nimbo-Cúmulo disse que permitiu que vocês me

sequestrassem. Ela sabe que suas intenções são nobres, diretora. A senhora tem um bom coração.

A mulher arfou e levou a mão ao peito, como se Greyson tivesse estendido a mão e a tocado ali.

— Você sabe quem sou eu?

— A Nimbo-Cúmulo conhece vocês três, talvez ainda melhor do que vocês mesmos se conheçam. — Em seguida, ele se virou para os demais. — Agente Bob Sykora: vinte e nove anos de serviço como agente nimbo. Avaliação de trabalho boa, mas não excelente — acrescentou com sarcasmo. — Agente Tinsiu Qian: trinta e seis anos de serviço, especializado em satisfação profissional. — Depois, se voltou para a líder do grupo. — E você: Audra Hilliard, uma das agentes nimbos mais talentosas da MidMérica. Quase cinquenta anos de condecorações e promoções, até finalmente receber a honra máxima da região. É a diretora da Interface da Autoridade da Cidade Fulcral. Ou, pelo menos, era, quando ainda existia uma Interface da Autoridade.

Ele sabia que essa última frase os machucou. Foi um golpe baixo, mas ter ficado amarrado com um saco na cabeça o deixara um pouco rabugento.

— Quer dizer que a Nimbo-Cúmulo ainda nos escuta? — a diretora Hilliard perguntou. — Que ela ainda cuida de nós?

— Como sempre cuidou — respondeu Greyson.

— Então, por favor... peça para ela nos dar uma direção. Pergunte à Nimbo-Cúmulo o que devemos fazer. Sem direção, os agentes nimbos estão sem propósito. Não podemos ficar assim.

Greyson assentiu, revirando os olhos. Apenas pelo efeito dramático, claro.

— Nimbo-Cúmulo — ele disse —, tem alguma informação que eu possa compartilhar com eles?

Greyson escutou, pediu para a Nimbo-Cúmulo repetir, depois se voltou para os três agentes irrequietos.

— 8,716; 167,733 — ele disse.

Eles o encararam.

— O quê? — a diretora Hilliard perguntou por fim.

— Foi o que a Nimbo-Cúmulo disse. Vocês queriam um propósito, e ela deu isso a vocês.

O agente Sykora digitou rapidamente os números no tablet.

— Mas... o que eles significam? — perguntou a diretora Hilliard. Greyson deu de ombros.

— Não faço a menor ideia.

— Fale para a Nimbo-Cúmulo se explicar!

— Ela não tem mais nada a dizer... mas deseja a todos uma boa tarde.

Engraçado. Até aquele momento, Greyson não fazia ideia de que horas eram.

— Mas... mas...

Então a fechadura da porta se abriu. Não apenas aquela, mas todas as do prédio, graças à Nimbo-Cúmulo — e, de repente, tonistas encheram o quarto, agarrando e amarrando os agentes nimbo. O último a entrar no quarto foi o pároco Mendoza, o chefe do mosteiro tonista onde Greyson estava abrigado.

— Nossa seita não é violenta — Mendoza disse aos agentes nimbos. — Mas, em momentos como este, gostaria que fosse!

A agente Hilliard manteve o olhar, ainda tomado por desespero, fixado em Greyson.

— Mas você disse que a Nimbo-Cúmulo permitiu que tirássemos você deles!

— Sim — Greyson disse animadamente. — Mas também quis me libertar dos meus libertadores.

— Poderíamos ter perdido você — disse Mendoza, ainda abalado mesmo muito depois do resgate de Greyson. Agora estavam em uma caravana de carros, todos dirigidos por motoristas de verdade, no caminho de volta para o mosteiro.

— Vocês não me perderam — disse Greyson, cansado de ver aquele homem se martirizar pelo incidente. — Estou bem.



— Mas poderia não estar se não tivéssemos encontrado você.

— *Como* vocês conseguiram me encontrar?

Mendoza hesitou, então disse:

— Não encontramos. Estávamos procurando havia horas até que, do nada, surgiu um endereço em todas as nossas telas.

— A Nimbo-Cúmulo — disse Greyson.

— Sim, a Nimbo-Cúmulo — Mendoza admitiu. — Embora eu não entenda por que ela demorou tanto para encontrar você, se tem câmeras em tudo quanto é lugar.

Greyson preferiu guardar a verdade para si — que a Nimbo-Cúmulo não havia demorado coisa nenhuma, que soubera onde Greyson estava desde o começo. Mas ela tinha um motivo para não se apressar. Assim como tinha um motivo para não o alertar do plano de sequestro antes de tudo.

— O acontecimento precisava parecer autêntico para seus sequestradores — a Nimbo-Cúmulo havia dito a ele depois. — A única maneira de garantir isso era deixar que realmente *fosse* autêntico. Fique tranquilo, pois você não correu perigo real em nenhum momento.

Por mais bondosa e atenciosa que a Nimbo-Cúmulo fosse, Greyson havia notado que ela sempre impingia esse tipo de crueldade impensada sobre as pessoas. Por não ser humana, ela nunca conseguia entender certas coisas, apesar de seu intelecto e empatia imensos. Não conseguia entender, por exemplo, que o pavor do desconhecido era igualmente horrível e real, independentemente de haver ou não algo a se temer de verdade.

— Eles não pretendiam me machucar — Greyson disse a Mendoza. — Só estavam perdidos sem a Nimbo-Cúmulo.

— Como todos — Mendoza disse —, mas isso não lhes dá o direito de arrancar você da cama no meio da noite. — Ele balançou a cabeça com raiva, mas mais de si mesmo do que dos agentes. — Eu deveria ter previsto isso! Os agentes nimbos têm um acesso maior à mente interna do que os outros e, claro, buscariam qualquer um que não estivesse marcado como infrator.

Talvez fosse um pouco ilusório Greyson pensar que poderia se manter anônimo. Nunca havia sido parte de sua personalidade querer se destacar. Agora ele era, literalmente, único. Não fazia ideia do que fazer com isso, mas desconfiava que precisaria aprender.

“Precisamos conversar”, a Nimbo-Cúmulo dissera no dia em que Perdura afundara, e ela não havia parado de conversar com ele desde então. Disse que ele teria um papel crucial a representar, mas não revelou qual seria. Ela nunca gostava de dar respostas a menos que houvesse certo grau de certeza e, embora fosse boa em prever resultados, não era um oráculo. Ela não podia prever o futuro, apenas as probabilidades do que poderia acontecer. No máximo, era uma bola de cristal enevoada.

O pároco Mendoza tamborilou os dedos com nervosismo no braço do banco.

— Aqueles malditos agentes nimbos não serão os únicos procurando por você — ele disse. — Precisamos sair à frente nessa história.

Greyson sabia aonde isso levaria. Como o único canal de comunicação para a Nimbo-Cúmulo, ele não podia mais se esconder; havia chegado a hora de seu papel começar a tomar forma. Ele poderia pedir orientação sobre o assunto para a Nimbo-Cúmulo, mas não queria. O tempo que tinha passado como infrator, sem qualquer ajuda da Nimbo-Cúmulo, fora sem dúvida assustador, mas libertador ao mesmo tempo. Havia se acostumado a tomar decisões e ter ideias próprias. A escolha de sair das sombras seria apenas dele, sem nenhum conselho ou orientação da Nimbo-Cúmulo.

— Eu deveria ir a público — disse Greyson. — Deixar o mundo saber, mas fazer isso em meus próprios termos.

Mendoza olhou para ele e sorriu. Greyson conseguia ver as engrenagens do homem girando.

— Sim — Mendoza disse. — Deveríamos levar você ao mercado.

— Mercado? — perguntou Greyson. — Não era exatamente o que eu tinha em mente... Não sou um pedaço de carne.

— Não — concordou o pároco —, mas a ideia certa no momento certo pode ser tão prazerosa quanto um bom bife.

Era por aquilo que Mendoza estava esperando! Permissão para montar um palco para Greyson subir. A ideia tinha de partir do próprio Greyson, porque Mendoza sabia que, se fosse jogada em cima dele, o garoto resistiria. Talvez esse sequestro horrendo tivesse um lado positivo — abrisse os olhos de Greyson para o quadro geral. E, embora o pároco Mendoza fosse um homem que, secretamente, duvidasse de suas crenças tonais, nos últimos tempos a presença de Greyson o fazia duvidar das próprias dúvidas.

Mendoza foi o primeiro a acreditar em Greyson quando ele disse que ainda conseguia conversar com a Nimbo-Cúmulo. Sentia que o garoto fazia parte de um plano maior, e talvez Mendoza também fosse parte desse plano.

“Você veio até nós por um motivo”, ele havia dito a Greyson naquele dia. “Esse acontecimento, a Grande Ressonância, ressoa de muitíssimas formas.”

Agora, dois meses depois, sentados em um carro discutindo objetivos maiores, Mendoza não podia deixar de se sentir poderoso, fortalecido. Aquele jovem despretensioso estava destinado a levar a fê tonista — e o próprio Mendoza — a um novo patamar.

— A primeira coisa de que você vai precisar é um nome.

— Já tenho um — Greyson disse, mas Mendoza dispensou a ideia.

— É comum demais. Você precisa se apresentar ao mundo como algo extraordinário. Algo... *superlativo*. — O pároco o encarou, tentando vê-lo sob uma luz melhor, mais lisonjeira. — Você é um diamante, Greyson. Agora precisamos colocar você no ambiente certo para que possa brilhar!

Diamantes.

Quatrocentos mil diamantes, trancados em um cofre dentro de outro cofre, perdidos no fundo do mar. Um único diamante valeria uma fortuna incompreensível para os mortais — porque aquelas não eram pedras preciosas comuns. Eram diamantes de ceifador. Havia quase doze mil nas mãos dos ceifadores vivos, mas isso não era nada comparado às pedras mantidas dentro da Galeria de Relíquias e Futuros. O suficiente para servir às necessidades de coleta da humanidade por eras. O suficiente para conferir joias a todos os ceifadores que seriam ordenados até o fim dos tempos.

Eram perfeitos. Eram idênticos. Nenhum defeito além do ponto escuro no centro — mas não era um defeito; era intencional.

“Nossos anéis são um lembrete de que aprimoramos o mundo que a natureza nos proporcionou”, o Supremo Punhal Prometeu declarara no Ano do Condor, ao fundar a Ceifa. “É de nossa natureza superar a natureza.”

E em nenhum momento aquilo era mais evidente do que quando se olhava para o centro de um anel de ceifador, pois ele dava a ilusão de ser mais profundo do que o espaço que ocupava. Uma profundidade sobrenatural.

Ninguém sabia como haviam sido feitos, pois toda tecnologia que não era controlada pela Nimbo-Cúmulo fora perdida. Poucas pessoas no mundo realmente sabiam como as coisas funcionavam hoje em dia. Tudo o que os ceifadores sabiam era que seus anéis estavam conectados entre si e à base de dados da Ceifa, mas de uma maneira confidencial. No entanto, como os computadores da Ceifa não estavam sob a jurisdição da Nimbo-Cúmulo, eles eram sujeitos a falhas e panes e a todas as inconveniências que atormentaram as relações entre humanos e máquinas no passado.

Mas os anéis nunca falhavam.

Eles faziam precisamente o que tinham sido feitos para fazer: catalogavam os coletados, colhiam amostras de DNA dos lábios daqueles que os beijavam para lhes conceder imunidade e brilhavam

para alertar os ceifadores dessa imunidade.

Mas, se você perguntasse a um ceifador qual era o aspecto mais importante do anel, ele provavelmente o ergueria sob a luz para vê-lo brilhar e diria que, acima de tudo, o anel servia como símbolo da Ceifa e da perfeição pós-mortal. Um símbolo do caráter sublime e elevado de um ceifador... e um lembrete de sua responsabilidade para com o mundo.

Mas, sobre todos aqueles diamantes perdidos...

“Por que precisamos deles?”, muitos ceifadores agora perguntavam, sabendo que o desaparecimento daqueles anéis fazia os deles parecerem ainda mais preciosos. “Precisamos ordenar novos ceifadores? Por que precisaríamos de mais ceifadores? Temos o suficiente para dar conta do serviço.” E, sem a supervisão global de Perdura, muitas ceifas regionais estavam seguindo o exemplo da MidMérica e abolindo as cotas de coleta.

Agora, no meio do Atlântico, onde antes Perdura se assomava sobre as ondas, um “perímetro de reverência” havia sido formado com o consentimento de ceifadores de todo o mundo. Ninguém tinha permissão de navegar perto de onde Perdura afundara, em respeito aos milhares de vidas perdidas. O Alto Punhal Goddard, inclusive, um dos poucos sobreviventes daquele dia terrível, argumentava que o Perímetro de Reverência deveria ser uma designação permanente, sem que se perturbasse nada sob sua superfície.

Entretanto, mais cedo ou mais tarde, aqueles diamantes teriam de ser encontrados. Coisas tão preciosas quase nunca se perdiam para sempre. Muito menos quando todos sabiam exatamente onde elas estavam.

Nós da Região Subsaariana ficamos extremamente indignados com a remoção de cotas de coleta determinada pelo Alto Punhal Goddard. As cotas existem desde os tempos imemoriais como uma forma de regular a coleta de vidas — e, embora não se trate oficialmente de um dos mandamentos da Ceifa, elas nos mantiveram no caminho certo. As cotas nos impediram de ser sanguinários demais, ou negligentes demais.

Embora diversas outras regiões também tenham abolido as cotas, o SubSaara se posiciona ao lado da Amazônia, da Isrábia e de diversas outras regiões contra essa mudança insensata.

Além disso, todo e qualquer ceifador midamericano está proibido de coletar em nosso solo — e pedimos às demais regiões que se aliem a nós para impedir que a tal “nova ordem” de Goddard tome conta do mundo.

Declaração oficial de sua excelência,  
o Alto Punhal Tunka Manin do SubSaara

## 2

### Atrasados para a festa

— Falta muito?

— Nunca conheci um ceifador tão impaciente.

— Então você não conhece muitos ceifadores. Somos todos impacientes e irascíveis.

O Honorável Ceifador Sydney Possuelo da Amazônia já estava presente quando Jerico Soberanis, comandante, chegou à ponte pouco depois do amanhecer. Jerico se perguntou se aquele homem dormia. Talvez os ceifadores contratassem pessoas para dormir no lugar deles.

— Doze horas em velocidade máxima — Jerico respondeu. — Chegaremos lá antes das dezoito horas, como eu já disse, excelência.

Possuelo suspirou.

— Seu navio é lento demais.

Jerico sorriu.

— Depois de todo esse tempo, o senhor está com pressa *agora*?

— O tempo nunca é essencial até alguém decidir que é.

Jerico não podia discordar dessa lógica.

— No melhor dos mundos, essa operação teria acontecido muito tempo atrás.

Ao que Possuelo respondeu:

— Caso não tenha notado, este não é mais o melhor dos mundos.

Estava aí uma verdade. Ao menos, não era o mundo em que Jerico havia crescido. *Naquele* mundo, a Nimbo-Cúmulo fazia parte da vida de todos. Podia ser questionada a respeito de qualquer coisa

e sempre respondia, e suas respostas eram precisas, informativas e tão sábias quanto precisavam ser.

Mas aquele mundo se fora. A voz da Nimbo-Cúmulo havia se silenciado agora que os seres humanos eram todos infratores.

Jerico já havia recebido aquela denominação antes. Durante a adolescência. Não fora difícil conseguir — bastaram três furtos em um mercado da região. Sentiu orgulho disso por menos de um dia. Então as consequências começaram a pesar. Ter a comunicação com a Nimbo-Cúmulo negada não foi grande coisa para Jerico, mas havia outros aspectos desagradáveis da experiência. Os infratores eram os últimos na fila de comida no refeitório da escola e sempre ficavam com as refeições que ninguém mais queria. Os infratores tinham que sentar na fileira da frente da sala de aula, onde os professores podiam ficar de olho neles. E, embora Jerico ainda tivesse o direito de permanecer no time de futebol, as reuniões de condicional eram agendadas sempre em conflito com os jogos. Era claramente proposital.

Jerico costumava pensar que a Nimbo-Cúmulo estava sendo passivo-agressiva por maldade, mas, com o tempo, se deu conta de que ela estava apenas lhe dando uma lição. As infrações eram uma escolha, e as pessoas precisavam decidir se as coisas que ganhavam com elas valiam as coisas que perdiam.

Lição aprendida. Um gostinho da consequência era mais do que o suficiente. Foram necessários três meses de obediência para que o grande I vermelho fosse removido de sua identidade e, quando isso aconteceu, não havia sobrado a menor vontade de repetir a experiência.

“Fico contente que seu status tenha sido removido”, a Nimbo-Cúmulo dissera a Jerico quando pôde falar novamente. Em resposta, Jerico havia mandado a Nimbo-Cúmulo apagar as luzes do quarto — porque dar uma ordem colocava a Nimbo-Cúmulo de volta em seu lugar. Ela era uma serva. Era a serva de todos. Tinha de fazer o que Jerico mandava. Havia certo conforto naquela ideia.

Então veio a cisão entre a humanidade e sua maior criação.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

pensando no que comeria no café da manhã?

— Ele não é dos piores — disse Wharton, o oficial do convés, que estava no cargo desde muito antes de Jerico se tornar comandante do navio.

— Até que gosto dele — disse Jerico. — Ele é muito mais honorável do que certos “honoráveis ceifadores” que encontrei por aí.

— O fato de ele ter nos escolhido para esse resgate já diz muita coisa.

— Sim, mas não sei exatamente o quê.

— Acho que diz que você escolheu bem a sua carreira.

Era um elogio e tanto vindo de Wharton — que não era um homem de exaltações. Mas Jerico não poderia assumir todo o crédito pela decisão.

— Apenas segui o conselho da Nimbo-Cúmulo.

Alguns anos antes, quando a Nimbo-Cúmulo sugerira que Jerico seria feliz levando uma vida no mar, a irritação de Jerico não poderia ter sido maior. Porque a Nimbo-Cúmulo estava certa. Ela havia feito uma avaliação perfeita. Jerico já vinha pensando em algo do tipo, mas ouvir a Nimbo-Cúmulo fazer essa sugestão era como ouvir um spoiler de sua própria história. Jerico sabia que havia muitas vidas no mar para escolher. Algumas pessoas viajavam o mundo em busca da onda perfeita para surfar. Outras passavam o tempo disputando corridas de barco à vela ou atravessando oceanos em embarcações inspiradas nas caravelas de antigamente. Mas eram passatempos sem nenhum objetivo além da pura e simples diversão. Jerico queria uma atividade prazerosa que também fosse funcional. Uma carreira que proporcionasse algo tangível para o mundo.

O resgate marinho era a opção ideal — e não apenas resgatar coisas que a Nimbo-Cúmulo afundava propositalmente para gerar demanda à indústria de resgate. Não seria muito diferente de crianças desencavando ossos de dinossauro de plástico em uma caixa de areia. Jerico queria recuperar coisas que realmente haviam sido perdidas, e isso significava desenvolver uma relação com as ceifas

mundiais — afinal, enquanto os navios sob a jurisdição da Nimbo-Cúmulo nunca sofriam acidentes, as embarcações dos ceifadores eram sujeitas a falhas mecânicas e humanas.

Assim que terminou a escola, Jerico assumiu um cargo como aprendiz em uma equipe de resgate de segunda categoria no Mediterrâneo ocidental. Então, o naufrágio do iate do ceifador Dalí em águas rasas perto da costa de Gibraltar deu a Jerico uma oportunidade inesperada de avançar na carreira.

Usando equipamentos de mergulho convencionais, Jerico tinha sido um dos primeiros a chegar ao desastre e, enquanto os outros ainda estavam avaliando a cena, Jerico — contra as ordens de seu comandante — mergulhou na água, encontrou o corpo do ceifador semimorto na cabine e o trouxe de volta para a superfície.

Seu comandante demitira Jerico imediatamente. Nenhuma surpresa, afinal, era um ato de motim desobedecer a uma ordem direta. Mas aquilo foi parte de um movimento calculado. Porque, assim que o ceifador Dalí e seu grupo foram revividos, a primeira coisa que o ceifador quis saber fora quem o havia tirado do mar.

No fim, o ceifador Dalí não só ficara grato, como também tinha sido excepcionalmente generoso. Ele concedeu a toda a equipe de resgate um ano de imunidade à coleta, mas quis dar algo especial para a pessoa que havia sacrificado tudo para recuperar seu corpo semimorto — afinal, era alguém que claramente sabia definir suas prioridades. O ceifador Dalí perguntara o que Jerico mais queria na vida.

“Gostaria de comandar minha própria operação de resgate um dia”, Jerico dissera ao ceifador, pensando que Dalí poderia exercer a influência dele a seu favor. Em vez disso, o ceifador levava Jerico até o *E.L. Spence*, uma embarcação espetacular de cem metros de comprimento para pesquisa oceanográfica adaptada para o resgate marinho.

“Você será comandante desta embarcação”, Dalí proclamara. E, como *Spence* já tinha um comandante, o ceifador o coletara na mesma hora, depois instruíra a tripulação a obedecer ao comando de

Jerico ou também seria coletada. Fora, para dizer o mínimo, bastante surreal.

Jerico não queria ter chegado daquela forma ao comando, mas não teve mais escolhas do que o comandante coletado. Sabendo que a tripulação não receberia ordens facilmente de alguém de vinte e um anos, Jerico mentiu, falando que tinha quarenta e poucos, mas que se restaurara havia pouco tempo, retomando uma aparência mais juvenil. Se acreditaram ou não, era problema deles.

Levou um longo tempo para que a tripulação se habituasse ao novo comando. Alguns agiram pelas suas costas. A crise de intoxicação alimentar na primeira semana, por exemplo, devia ter sido responsabilidade do cozinheiro. E, embora um teste genético pudesse determinar exatamente de quem eram as fezes que foram parar nos sapatos de Jerico, não valia a pena investigar.

O *Spence* e sua tripulação viajavam pelo mundo. Mesmo antes de ter Jerico como comandante, a equipe de resgate já tinha certo renome, mas, assim que assumira o comando, Jerico teve a sagacidade de contratar uma equipe de mergulhadores tasmânicos com respiração branquial. Ter uma equipe de mergulhadores capazes de respirar embaixo d'água, combinada com uma tripulação de resgate de primeira, os levou a ser procurados por ceifadores de todo o mundo. E o fato de que Jerico priorizava o resgate dos semimortos em vez da recuperação de bens perdidos lhes garantiu ainda mais respeito.

Jerico havia içado a barçaça do ceifador Aquenáton do fundo do Nilo; recuperado o corpo semimorto da ceifadora Earhart depois de um voo malfadado; e, quando o submarino de lazer do Grande Ceifador Amundsen afundara nas águas geladas perto da região PlatRoss da Antártica, o *Spence* fora acionado para resgatá-lo.

Então, perto do fim do primeiro ano de comando de Jerico, Perdura submergira no meio do Atlântico, preparando o palco para a maior operação de resgate da história.

No entanto, as cortinas do teatro permaneciam firmemente fechadas.

Sem os Grandes Ceifadores do Concílio Mundial de ceifadores, não havia ninguém no mundo que podia autorizar um resgate. E, com Goddard na Mérica do Norte insistindo para que o Perímetro de Reverência não fosse violado, as ruínas de Perdura permaneciam no limbo. Nesse período, várias ceifas regionais que haviam se aliado a Goddard patrulhavam o perímetro, coletando todos que fossem vistos na região. Perdura tinha afundado apenas três quilômetros abaixo do nível do mar, mas era como se estivesse perdida entre as estrelas.

Com tantas intrigas, demorara um bom tempo para que alguma ceifa regional criasse coragem para tentar um resgate. Assim que a Amazônia declarou sua intenção, outros se juntaram a ela — mas, como foi a primeira a arriscar o pescoço, a ceifa amazônica insistira em ficar no comando. Outras ceifas se queixaram, mas ninguém lhe negou esse direito. Principalmente porque isso significava que seria a Amazônia quem encararia a fúria de Goddard.

— Você sabe que nossa rota atual está vários graus fora do curso — o imediato Wharton comentou com Jerico depois que Possuelo não estava mais na ponte de comando.

— Vamos corrigir a rota ao meio-dia — Jerico respondeu. — Isso vai adiar nossa chegada em algumas horas. Nada mais desagradável do que chegar tarde demais para começar as operações, mas cedo demais para dar o dia por terminado.

— Bem pensado, senhor — Wharton disse, depois lançou um olhar rápido para fora do barco e se corrigiu, um pouco envergonhado. — Perdão, senhora, me enganei. Estava nublado até um momento atrás.

— Não precisa se desculpar, Wharton — Jerico disse. — Tanto faz para mim, ainda mais em um dia em que há tanta luz quanto há nuvens.

— Sim, comandante — Wharton disse. — Não queria faltar ao respeito.

Jerico conteve um sorriso porque teria sido desrespeitoso com Wharton, cujo pedido de desculpas, embora desnecessário, havia

sido sincero. Embora fosse o trabalho dos marinheiros marcar a posição do sol e das estrelas, eles simplesmente não estavam acostumados à fluidez meteorológica.

Jerico era de Madagascar — uma das sete regiões patentes do mundo, onde a Nimbo-Cúmulo empregava estruturas sociais diferentes para melhorar a experiência humana —, e muitas pessoas se mudavam para lá por causa do caráter único de suas atribuições.

Todas as crianças em Madagascar eram criadas sem gênero e proibidas de escolher um até atingirem a maioridade. Mesmo então, muitos não decidiam um único estado de ser. Alguns, como Jerico, encontravam sua natureza na fluidez.

“Me sinto como uma mulher sob o sol e as estrelas. Me sinto como um homem sob as nuvens”, Jerico havia explicado à tripulação quando assumiu o comando. “Basta olhar para o céu que saberão como se dirigir a mim a qualquer momento.”

Não era a fluidez que incomodava a tripulação — isso era bastante comum —, mas enfrentaram dificuldades para se acostumar com o aspecto meteorológico do sistema particular de Jerico. Tendo crescido em um lugar onde coisas assim eram a norma em vez da exceção, nunca havia passado pela cabeça de Jerico que aquilo poderia ser um problema, até sair de casa. Algumas coisas simplesmente faziam a pessoa se sentir feminina; outras a faziam se sentir masculina. Não era assim para todos, independentemente do gênero? Ou os binários se negavam coisas que não se encaixavam no molde? Bom, fosse como fosse, Jerico achava as gafes e os pedidos de desculpa exagerados mais divertidos do que qualquer outra coisa.

— Quantas outras equipes de resgate você acha que estarão lá? — Jerico perguntou a Wharton.

— Dezenas — disse Wharton. — E mais estão a caminho. Vamos chegar atrasados para a festa.

Jerico discordava.

— De jeito nenhum. Estamos transportando o ceifador no comando, o que significa que somos a capitânia da operação. A festa não pode começar antes de chegarmos, e pretendo fazer uma

entrada grandiosa.

— Não tenho dúvidas, senhor — disse Wharton, porque o sol havia se escondido atrás de uma nuvem.

Ao pôr do sol, o *Spence* se aproximou do local onde a Ilha do Coração Perdurável havia afundado.

— Há setenta e três navios de várias classes esperando perto do Perímetro de Reverência — o imediato Wharton informou.

O ceifador Possuelo não conseguia esconder sua repugnância.

— Não são melhores que os tubarões que devoraram os Grandes Ceifadores.

Quando começaram a ultrapassar os navios mais distantes do centro, Jerico notou um navio muito maior que o *Spence* em seu caminho.

— Vamos planejar uma rota ao redor dele — disse Wharton.

— Não — disse Jerico. — Mantenha nossa direção atual.

Wharton pareceu preocupado.

— Vamos bater nele.

Jerico abriu um sorriso maldoso.

— Então ele vai ter que sair.

Possuelo sorriu.

— E isso vai deixar claro desde o princípio quem está no comando desta operação — ele disse. — Gosto dos seus instintos, Jeri.

Wharton lançou um olhar para Jerico. Por respeito, ninguém da tripulação chamava Jerico de Jeri — era reservado para amigos e familiares. Mas Jerico deixou passar.

O *Spence* avançou em velocidade máxima, e o outro navio se moveu, mas apenas quando ficou claro que o *Spence* realmente bateria nele se não saísse de lá. Foi um teste de coragem vencido com habilidade.

— Nos posicione bem no centro — Jerico instruiu enquanto atravessavam o Perímetro de Reverência. — Depois notifique os

outros navios para que eles possam se juntar a nós. Às seis da manhã de amanhã, as tripulações de resgate podem começar a enviar drones para avaliar os escombros. Diga que todas as informações devem ser compartilhadas, e que qualquer pessoa pega retendo notícias estará sujeita à coleta.

Possuelo ergueu a sobrancelha.

— Está falando em nome da Ceifa agora, comandante?

— Estou apenas tentando garantir o cumprimento das ordens — Jerico respondeu. — Afinal, todos estão sujeitos à coleta, então não estou dizendo algo de que já não saibam. Estou apenas colocando isso sob uma nova perspectiva.

Possuelo riu alto.

— Sua audácia me faz lembrar de uma jovem ceifadora que eu conhecia.

— Conhecia?

Possuelo suspirou.

— A ceifadora Anastássia. Ela faleceu junto com sua mentora, a ceifadora Curie, quando Perdura submergiu.

— Você conheceu a ceifadora Anastássia? — Jerico perguntou com admiração.

— Sim — respondeu Possuelo —, mas por muito pouco tempo.

— Bem — disse Jerico —, talvez o que quer que tiremos das profundezas possa ajudá-la a descansar em paz.



Desejamos sorte às ceifadoras Anastássia e Curie em sua viagem para Perdura e seu inquérito contra Goddard. Só me resta ter esperanças de que os Grandes Ceifadores tenham a sabedoria de desqualificá-lo, impedindo assim sua candidatura ao cargo de Alto Punhal. Quanto a mim e Munira, precisamos viajar meio mundo para encontrar as respostas que buscamos.

Minha confiança neste mundo perfeito depende do último fio de uma corda desgastada. O que era perfeito não permanecerá perfeito por muito tempo. Não enquanto nossas falhas ocuparem suas brechas e fissuras, erodindo tudo que trabalhamos tanto para criar.

Apenas a Nimbo-Cúmulo é irrepreensível, mas desconheço sua mente. Não sei nenhum de seus pensamentos, pois sou um ceifador, e a esfera da Nimbo-Cúmulo está fora do meu alcance, assim como meu trabalho solene está fora da jurisdição global dela.

Os fundadores da Ceifa se preocupavam com nosso orgulho — temiam que não conseguiríamos manter a virtude, o altruísmo e a honra que nosso trabalho como ceifadores exige. Tinham medo de que os ceifadores poderiam ficar tão cheios de si, tão inebriados pela própria luz, que, tal qual Ícaro, acabaríamos voando perto demais do sol.

Por mais de duzentos anos, provamos nosso valor. Fizemos jus às expectativas. Mas as coisas mudaram em um piscar de olhos.

Sei que existe um plano de segurança deixado pelos fundadores da Ceifa. Uma contingência caso a Ceifa fracassasse. Mas, se eu o encontrar, terei coragem para agir?

Do diário "*post mortem*" do ceifador Michael Faraday,  
em 31 de março do Ano do Velociraptor

### 3

## Uma maneira revigorante de começar a semana

No dia em que Perdura afundou, um pequeno avião fora da rede voou para um lugar que não existia.

Munira Atrushi, uma ex-bibliotecária noturna da Grande Biblioteca de Alexandria, era a passageira. O ceifador Michael Faraday era o piloto.

— Aprendi a pilotar aeronaves nos meus primeiros anos como ceifador — Faraday explicou a ela. — Acho relaxante. Coloca a mente em um estado diferente, mais tranquilo.

Para ele, isso podia até funcionar, mas, pelo visto, não funcionava para os passageiros, pois todo e qualquer solavanco fazia Munira se segurar no banco com força, até os nós dos dedos perderem a cor.

Munira nunca tinha sido muito fã de viagens aéreas. Sim, era perfeitamente seguro e não havia nenhum caso registrado de morte permanente em um acidente de avião. O único incidente pós-mortal registrado aconteceu cinquenta anos antes de ela nascer, envolvendo um avião de passageiros que teve a péssima sorte de ser atingido por um meteorito.

A Nimbo-Cúmulo ejetou todos os passageiros imediatamente para salvá-los da queda e do incêndio inevitáveis. Eles ficaram semimortos quase no mesmo instante, por causa do ar rarefeito na altitude de cruzeiro. Em questão de segundos, congelaram pelo frio e caíram rumo à floresta lá embaixo. Ambudrones foram enviados antes que os corpos chegassem ao chão e recuperaram todos em menos de uma hora. Os passageiros foram levados a centros de

revivificação e, poucos dias depois, embarcaram animadamente em um novo voo para seu destino.

“Uma maneira revigorante de começar a semana”, um deles havia brincado em uma entrevista.

Mesmo assim, Munira não gostava de aviões. Sabia que seu medo era irracional. Ou, pelo menos, *tinha sido* irracional até o ceifador Faraday comentar que, depois que eles atravessassem o espaço aéreo conhecido, estariam completamente sozinhos.

“Quando chegarmos ao ‘ponto cego’ do Pacífico, ninguém vai nos localizar, nem mesmo a Nimbo-Cúmulo”, Faraday dissera a ela. “Ninguém vai saber se estamos vivos ou mortos.”

Aquilo significava que, se tivessem a má sorte de serem atingidos por um meteorito ou sofressem algum outro tipo de catástrofe inesperada, nenhum ambudrone chegaria para transportá-los a um centro de revivificação. Eles continuariam mortos de forma tão permanente como os mortais do passado. Tão irrevogavelmente como se tivessem sido coletados.

O fato de que o avião estava sendo pilotado por Faraday em vez de voar por conta própria não ajudava. Ela confiava no respeitável ceifador, mas, ainda assim, ele era sujeito a falhas como qualquer outro humano.

Tudo isso era culpa dela. Fora ela quem havia deduzido que a Nimbo-Cúmulo tinha um ponto cego no Sul do Pacífico. Um ponto cheio de ilhas. Ou, mais precisamente, atóis — antigas cordilheiras vulcânicas que agora formavam uma série de arquipélagos circulares. Era uma região que havia sido escondida da Nimbo-Cúmulo — e de todo o mundo — pelos fundadores da Ceifa. A questão era: por quê?

Apenas três dias antes, eles haviam encontrado as ceifadoras Curie e Anastássia para lhes contar suas suspeitas. “Tome cuidado, Michael”, a ceifadora Curie havia dito. O fato de que Curie estava preocupada com o que tinham descoberto era perturbador para Munira. A ceifadora Curie era destemida... mas temia por eles. Isso não era pouca coisa.

Faraday também tinha suas preocupações, mas preferia não as comentar com Munira. Ele preferia fazer o papel de forte. Depois do encontro, eles tinham viajado, sempre incógnitos, para Mérica do Oeste usando transportes comerciais. O resto do caminho percorreriam por aeronave particular; só faltava arranjar uma. Embora Faraday tivesse o direito de pegar tudo que quisesse, independentemente do tamanho ou do proprietário, raramente fazia isso. Sempre queria deixar a menor marca possível na vida de quem ele encontrava. A menos, é claro, que seu objetivo fosse coletar essas pessoas. Nesse caso, sua marca seria definitiva e profunda.

Ele não coletara uma única alma desde que fingira a própria morte. Como um homem morto, não podia tirar vidas — porque, se fizesse isso, a Ceifa seria alertada, pois sua base de dados registrava todas as coletas por meio dos anéis dos ceifadores. Ele havia considerado se livrar do seu, mas achou melhor não. Era uma questão de honra, de orgulho. Ele ainda era um ceifador e não desrespeitaria o anel se separando dele.

Com o passar do tempo, foi percebendo que sentia cada vez menos falta de coletar. Além disso, agora ele tinha outras coisas a fazer.

Quando chegaram a Mérica do Oeste, passaram um dia na Cidade dos Anjos, um lugar que, nos tempos mortais, originara tanto fascínio cintilante quanto sofrimento íntimo. Tinha se tornado apenas um parque temático. Na manhã seguinte, Faraday havia vestido seu manto, que não usava desde que sumira do mapa da Ceifa, ido até uma marina e se apropriado do melhor hidroavião do lugar: um avião anfíbio para oito passageiros.

“Certifique-se de que tenhamos células combustíveis suficientes para uma viagem transpacífica”, ele dissera ao gerente da marina. “Pretendemos partir assim que possível.”

Faraday já era uma figura formidável sem o manto. Com o manto marfim, Munira tivera de admitir que ele era imponente da maneira como apenas os melhores ceifadores eram.

“Vou precisar falar com o proprietário”, o gerente da marina

havia dito, com um tom de tremor na voz.

“Não”, Faraday respondera calmamente. “Você terá de avisar o proprietário depois que partirmos, pois não tenho tempo para esperar. Informe-o que a aeronave será devolvida assim que não precisarmos mais dela e que pagarei uma taxa de aluguel considerável.”

“Sim, excelência”, dissera o homem. Afinal, o que mais poderia dizer a um ceifador?

Embora Faraday estivesse alerta na cabine de comando, Munira checava constantemente para ver se ele não estava pegando no sono ou perdendo o foco. E contava todas as zonas de turbulência que encontravam pelo caminho. Sete até então.

— Se a Nimbo-Cúmulo controla o clima, por que não suaviza as vias de voo? — ela reclamou.

— A Nimbo-Cúmulo *não* controla o clima — Faraday apontou. — Apenas o influencia. E, além disso, ela não pode intervir a favor de um ceifador, por mais que a estimada companheira dele deteste o ar agitado.

Munira ficava contente por ele não a tratar mais como uma assistente. Para começo de conversa, ela havia provado ser muito mais do que isso ao encontrar o ponto cego. Maldita fosse a engenhosidade dela! Ela poderia ter ficado tranquilamente na Biblioteca de Alexandria, sem saber de nada, mas tinha sido curiosa. Como era aquele velho ditado da Era Mortal? A curiosidade era uma matadora de gatos?

Enquanto atravessavam os mares monótonos do Pacífico, uma transmissão estranha e repentina começou a soar pelo rádio. Era ensurdecadora, e durou quase um minuto, mesmo depois que Faraday tentou desligar o aparelho. Munira sentiu que seus tímpanos estourariam com o barulho, e Faraday teve de soltar os controles para tampar os ouvidos, o que os fez balançar. Então, o terrível som parou tão de repente quanto havia começado. Faraday rapidamente recuperou o controle do avião.

— O que foi aquilo? — Munira perguntou, os ouvidos ainda

zumbindo.

Faraday manteve as mãos nos controles, ainda se recuperando.

— Meu palpite é que seja algum tipo de barreira eletromagnética. Acredito que isso significa que acabamos de atravessar o ponto cego.

Nenhum deles pensou muito sobre o barulho depois disso. E não tinham como saber que o mesmo som havia sido escutado por todo o mundo — um som que viria a ser conhecido em certos círculos como “a Grande Ressonância”. Foi o momento que marcou o afundamento de Perdura, bem como o silêncio global da Nimbo-Cúmulo.

Mas, como Faraday e Munira estavam fora da esfera de influência da Nimbo-Cúmulo quando cruzaram o ponto cego, eles continuaram sem saber de nada sobre o mundo exterior.

Do alto, podiam-se ver com clareza as crateras vulcânicas submersas dos atóis Marshall — imensas lagoas dentro de pontos e faixas das muitas ilhas que as cercavam. Atol Ailuk, atol Lipiek. Não havia prédios, docas, nenhuma ruína visível que sugerisse que pessoas tinham passado por ali. Existiam muitas áreas de natureza selvagem pelo mundo, mas esses lugares eram preservados meticulosamente pelas unidades de natureza da Nimbo-Cúmulo. Até nas florestas mais profundas e escuras havia torres de comunicação e plataformas de ambudrones, caso os visitantes ficassem gravemente feridos ou acabassem semimortos. Mas, ali, não havia nada. Era perturbador.

— Pessoas já moraram aqui, tenho certeza — Faraday disse. — Mas os fundadores da Ceifa as coletaram ou, mais provavelmente, as realocaram para fora do ponto cego, para manter todas as atividades do lugar o mais secretas possível.

Por fim, ao longe, o atol Kwajalein surgiu à vista.

— “Então vamos escapar ao sul do despertar e chegar à terra de Nod” — disse Faraday, citando a velha cantiga. E lá estavam eles, onze mil quilômetros ao sul da ilha Wake, no centro do ponto

cego. — Está ansiosa, Munira? Para saber o que Prometeu e os outros fundadores da Ceifa sabiam? Para resolver a charada que deixaram para nós?

— Não temos garantia de que vamos encontrar alguma coisa — Munira respondeu.

— Você é sempre otimista.

Como todos os ceifadores sabiam, os fundadores da Ceifa diziam ter preparado um plano de segurança para a sociedade, caso todo o conceito da Ceifa fracassasse. Uma solução alternativa para o problema da imortalidade. Ninguém mais levava isso a sério. Por que levariam, afinal, se a Ceifa havia sido a solução perfeita para um mundo perfeito por mais de duzentos anos? Ninguém se importava com um plano de emergência até uma emergência chegar.

Se as ceifadoras Curie e Anastássia fossem vitoriosas em Perdura, e a ceifadora Curie se tornasse a Alto Punhal da MidMérica, talvez a Ceifa conseguisse desviar do caminho desastroso pelo qual Goddard a levaria. Mas, se elas não fossem bem-sucedidas, o mundo poderia precisar de um plano de segurança.

Eles desceram a cinco mil pés e, enquanto se aproximavam, começaram a ver os detalhes do atol. Bosques verdejantes e praias de areia. A ilha principal do atol Kwajalein tinha o formato de um bumerangue longo e esguio — e ali eles finalmente viram algo que não se via em nenhum outro lugar do ponto cego. Sinais de presença humana em algum ponto do passado: trechos de vegetação baixa que um dia foram estradas, alicerces indicando áreas onde edifícios tinham sido erguidos.

— Bingo! — disse Faraday, e empurrou o manche para a frente, diminuindo a altitude do avião para olhar mais de perto.

Munira conseguiu sentir seus nanitos registrando seu alívio.

Finalmente, tudo estava bem.

Até o momento em que não estava mais.

— *Aeronave não cadastrada. Por favor, se identifique.*

Era uma resposta automática quase inaudível por entre as ondas de forte interferência, com uma voz que soava humana demais para realmente ser humana.

— Nada a temer — Faraday disse, depois transmitiu o código de identificação universal usado pela Ceifa.

Um momento de silêncio, e então:

— *Aeronave não cadastrada. Por favor, se identifique.*

— Isso não é um bom sinal — disse Munira.

Faraday lançou um olhar de leve repreensão para ela, depois falou no transmissor novamente:

— Aqui é o ceifador Michael Faraday da MidMérica, pedindo permissão para se aproximar da ilha principal.

Mais um momento de silêncio e, depois, a voz disse:

— *Anel de ceifador detectado.*

Faraday e Munira relaxaram.

— Pronto — disse Faraday. — Tudo bem agora.

Em seguida, a voz falou de novo:

— *Aeronave não cadastrada. Por favor, se identifique.*

— Como assim? Eu disse que sou o ceifador Michael Faraday...

— *Ceifador não reconhecido.*

— É claro que ele não vai reconhecer você — Munira disse. — Você nem tinha nascido quando esse sistema foi instalado. Ele deve achar que você é um impostor com um anel roubado.

— Raios!

Foi exatamente o que a ilha fez. Um raio laser disparou de algum lugar da ilha e arrancou o motor esquerdo com uma explosão reverberante que eles sentiram em seus ossos, como se *eles* tivessem sido atingidos, não o avião.

Era tudo que Munira havia temido. A culminação de todas as piores hipóteses. E, ainda assim, ela encontrou coragem e clareza inimagináveis para aquele momento. O avião tinha uma cápsula de escape. Munira havia verificado antes da decolagem para garantir que estava funcionando.

— A cápsula fica nos fundos — ela disse a Faraday. — Rápido!



Mesmo assim, ele continuou falando obstinadamente com o rádio cheio de estática.

— Aqui é o ceifador Michael Faraday!

— É uma máquina — Munira o lembrou —, e não uma muito inteligente. Não dá para argumentar com ela.

A prova disso foi o segundo tiro que estilhaçou o para-brisa e incendiou a cabine do piloto. Em uma altitude maior, eles teriam sido sugados para fora, mas estavam voando baixo o suficiente para serem poupados da descompressão explosiva.

— Michael! — gritou Munira, usando o primeiro nome dele, coisa que ela nunca havia feito. — Não adianta!

A aeronave atingida já começava a mergulhar rumo ao mar; não havia como salvar o avião, nem mesmo com o mais habilidoso dos pilotos.

Finalmente, Faraday desistiu, deixou a cabine do piloto e, juntos, lutaram contra o ângulo do avião em queda para chegar à cápsula de escape. Eles entraram, mas não conseguiram fechar porque o manto dele ficou preso na maçaneta.

— Maldita roupa! — ele resmungou, e puxou o tecido com tanta força que a barra se rasgou, mas a maçaneta ficou livre. O mecanismo os trancou do lado de dentro, um material viscoelástico inflou para ocupar o espaço restante, e a cápsula foi ejetada.

A cápsula de segurança não tinha janelas, então não era possível ver o que estava acontecendo ao redor. Não havia nada além de uma sensação de tontura extrema enquanto a cápsula se afastava do avião que caía.

Munira gritou quando agulhas perfuraram seu corpo. Ela sabia que chegariam, mas ainda assim foi um choque. Elas a picaram em pelo menos cinco pontos.

— Odeio essa parte — resmungou Faraday, que, tendo vivido por tanto tempo, já devia ter entrado em uma cápsula de escape antes, mas aquilo tudo ainda era muito novo e horripilante para Munira.

As cápsulas de escape eram projetadas especificamente para deixar

os indivíduos inconscientes. Assim, se sofressem algum ferimento na aterrissagem da cápsula, permaneceriam desacordados enquanto eram curados pelos próprios nanitos. Acordariam sem nenhum arranhão depois de sabe-se lá quantas horas fossem necessárias para reparar os danos — e, em caso de semimorte, seriam transportados rapidamente para um centro de revivificação. Assim como aqueles passageiros atingidos pelo meteoro, os dois acordariam e se sentiriam exultantes com a experiência.

Exceto que isso não aconteceria com Munira e Faraday ali, se a queda os matasse.

— Se morrermos — disse Faraday, a voz já pastosa —, sinto muito, de verdade, Munira.

Ela perdeu a consciência antes de conseguir responder.

Ela não teve noção de quanto tempo se passou.

Em um momento, Munira estava girando na escuridão junto a Faraday e, no outro, estava olhando para folhas de palmeira farfalhantes que a protegiam do sol. Ainda estava na cápsula, mas a porta estava aberta, e ela estava sozinha. Ela se sentou, contorcendo-se para escapar da espuma ajustada a seu corpo.

Perto da fileira de árvores, Faraday assava um peixe em um espeto sobre uma pequena fogueira e bebia água de coco. Um pedaço de linho do seu manto se arrastava na areia, do lugar onde ele tinha ficado preso na maçaneta. A barra estava coberta de lama. Era estranho ver o grande ceifador Michael Faraday com um manto que não estivesse perfeito e impecável.

— Ah — ele disse, jovial —, você finalmente acordou! — Ele deu o coco para ela tomar um gole.

— É um milagre termos sobrevivido — ela disse.

Só quando sentiu o cheiro do peixe que estava assando, Munira se deu conta de como estava faminta. A cápsula era projetada para manter seus ocupantes hidratados por dias, mas não fornecia nenhuma forma de nutrição. A fome dela era prova de que tinham

ficado dentro da cápsula por pelo menos um ou dois dias.

— Nós quase *não* sobrevivemos — Faraday respondeu, dando o peixe para ela e espetando outro. — Segundo o registro da cápsula, houve uma falha do paraquedas, provavelmente por ter sido atingido por um pedaço de escombro ou pelo laser. Caímos na água com força e, apesar do acolchoamento de espuma, nós dois sofremos concussões de terceiro grau e fraturas em várias costelas. Você também sofreu uma perfuração no pulmão, então seus nanitos precisaram de mais tempo para curar os danos do que os meus.

A cápsula, que tinha um sistema de propulsão para pouso na água, os havia impulsionado com segurança para a costa e agora estava semienterrada na areia, depois de ter suportado dois dias de marés altas e baixas.

Munira observou ao redor, e a expressão em seu rosto devia ser óbvia, porque Faraday disse:

— Ah, não se preocupe. Pelo que parece, o sistema de defesa só controla aviões. A cápsula aterrissou tão perto da ilha que não foi notada. — Já a aeronave, que Faraday havia prometido devolver ao proprietário, estava em pedaços no fundo do Pacífico. — Somos oficialmente naufragos! — Faraday exclamou.

— Então por que você está tão feliz?

— Porque estamos aqui, Munira! Nós chegamos! Conseguimos algo que ninguém desde os primórdios da era pós-mortal conseguiu! Encontramos a terra de Nod!

Visto do céu, o atol Kwajalein parecia um lugar pequeno, mas, agora que estavam em terra firme, parecia enorme. A ilha principal não era muito larga, mas parecia se estender infinitamente em comprimento. Havia evidências de infraestruturas antigas por toda parte — então, com sorte, o que estavam buscando estaria ali, e não em uma das ilhas periféricas. O problema era que não sabiam exatamente o que estavam buscando.

Eles exploraram por dias, ziguezagueando devagar a ilha de um

lado para o outro, do nascer ao pôr do sol, mantendo um registro das relíquias que encontravam — e havia relíquias por toda parte. O asfalto rachado das ruas que já tinha dado lugar a uma floresta renovada havia muito tempo. Fundações de pedra que antes sustentavam edifícios. Pilhas tombadas de ferro enferrujado e aço desgastado.

Eles se alimentavam à base de peixes e aves selvagens, que existiam em abundância na ilha, bem como de árvores frutíferas, cuja variedade peculiar indicava que não eram nativas. Muito provavelmente tinham sido cultivadas no quintal das casas, e continuavam ali mesmo muito depois das casas e dos quintais terem desaparecido.

“E se não encontrarmos nada?”, Munira havia perguntado no começo da exploração.

“Vamos deixar para nos preocupar com isso quando o momento chegar”, ele dissera.

“Já estou preocupada”, ela respondera.

Durante os primeiros dias — além da torre de defesa atarracada, que havia se fechado como um sarcófago vertical —, eles encontraram pouco mais do que cacos de porcelana de pias e vasos antigos e embalagens de plástico que provavelmente continuariam inalteradas até o Sol entrar em supernova e devorar os planetas telúricos. Aquele lugar podia ser uma meca para arqueólogos, mas não deixou a dupla mais perto de encontrar o que tinham ido buscar.

Então, perto do fim da primeira semana, subiram no alto de uma berma para encontrar uma vasta extensão de areia geométrica demais para ter aquela forma naturalmente. Bastou escavar um pouco para encontrarem uma camada de concreto tão grossa que quase nada havia fincado raízes ali. O lugar parecia ter um propósito, embora não fizessem ideia de qual poderia sê-lo.

E ali, na lateral da berma, quase completamente oculta por vinhas, estava uma porta coberta de musgo. A entrada de um bunker.

Quando tiraram as vinhas, encontraram um painel de segurança. Qualquer coisa escrita ou gravada nele acabara apagada pela erosão, mas o que restava disse a eles tudo que precisava ser dito. O painel tinha uma reentrância exatamente do tamanho e do formato da pedra no anel de um ceifador.

— Já vi isso antes — disse Faraday. — Em edifícios mais antigos da Ceifa, nossos anéis serviam como chaves de abertura. Eles realmente tinham um propósito além de conceder imunidade e uma estética impressionante.

Ele ergueu o punho e pressionou o anel na reentrância. Os dois conseguiram ouvir o mecanismo destravar, mas precisaram fazer força juntos para abrir a porta antiga.

Eles haviam trazido as lanternas que estavam entre os poucos equipamentos da cápsula de escape e as apontaram para a escuridão mofada ao entrarem no corredor que descia em um ângulo íngreme.

O bunker, ao contrário da ilha, estava intocado pelo tempo, exceto por uma camada fina de poeira. Uma única parede havia se rachado, e raízes a atravessavam como tentáculos de uma criatura antiga forçando a entrada, mas, fora isso, o mundo lá fora permanecia sem adentrar.

Finalmente, o corredor se abriu para um espaço com diversas estações de trabalho. Telas velhas de antigos computadores. Fazia Munira lembrar da sala secreta sob a Biblioteca do Congresso onde tinham encontrado o mapa que os guiara até ali. Aquele lugar estava atulhado de coisas, mas esse fora deixado em perfeita ordem. As cadeiras estavam encostadas às mesas, como se tivessem sido arrumadas por uma equipe de limpeza. Uma caneca que trazia o nome de um personagem de Herman Melville repousava sobre uma estação de trabalho, como se esperasse que alguém a enchesse. O lugar não havia sido abandonado às pressas. Na verdade, não tinha sido abandonado coisa nenhuma — tinha sido preparado.

E Munira não conseguia se livrar da sensação estranha de que, fosse lá quem tinha o deixado daquela forma duzentos anos antes, sabia que eles viriam.

Resposta aberta à sua excelência, o Alto Punhal Tunka Manin da SubSaara

Recuso-me categoricamente a honrar sua restrição antiética e ofensiva contra os ceifadores midmericanos. Não vou, nem agora nem nunca, reconhecer o direito de nenhum Alto Punhal de banir meus ceifadores de qualquer região.

Como tenho certeza de que seu próprio parlamentar irá lhe dizer, os ceifadores têm total liberdade para viajar pelo mundo e podem coletar quem acharem apropriado, quando e onde acharem apropriado.

Portanto, quaisquer restrições impostas não têm validade, e qualquer região que se junte à SubSaara nessa campanha infeliz receberá um influxo de ceifadores midmericanos, apenas para deixar claro meu argumento. Estejam avisados que qualquer ação tomada contra meus ceifadores em sua região será respondida à altura, e sem demora.

Respeitosamente,  
Honorável Robert Goddard, Alto Punhal da MidMérica

## 4

# Objetos de grande valor

A primeira semana do resgate de Perdura havia se resumido a mapear os destroços e o extenso campo de escombros.

— O que sabemos é o seguinte — comandante Soberanis disse ao ceifador Possuelo, abrindo um display holográfico. — A Ilha do Coração Perdurável afundou ao longo do cume de uma cadeia montanhosa submarina. Atingiu um pico durante a queda, e se dividiu em três partes. — Jerico rodou a imagem. — Dois segmentos pararam neste planalto ao leste do cume; o terceiro caiu em uma vala no lado oeste. E tudo está dentro de um campo de escombros que se estende por vinte e cinco milhas náuticas.

— Quanto tempo vai demorar até começarmos a trazer as coisas para a superfície? — Possuelo perguntou.

— É muita coisa para explorar e catalogar — Jerico respondeu. — Talvez um mês até podermos começar. Mas um resgate adequado vai levar anos. Décadas até.

Possuelo examinou a imagem dos escombros, talvez estudando o que restou da paisagem, procurando pontos de referência conhecidos. Então tomou a liberdade de rodar o mapa e apontou para a seção no fundo da vala.

— O mapa parece incompleto aqui. Por quê?

— A profundidade. O terreno traiçoeiro está dificultando o mapeamento, mas isso pode vir depois. Podemos começar pelo campo de escombros e pelas partes que pousaram no planalto.

Possuelo balançou a mão como se espantasse um mosquito.

— Não. Estou mais interessado no segmento da vala.

Jerico examinou o ceifador por um momento. O homem tinha sido afável e solícito até então; talvez agora houvesse confiança suficiente entre os dois para conseguir algumas informações que Possuelo poderia não estar disposto a revelar aos demais.

— Se houver algo específico que esteja procurando, me ajudaria se eu soubesse.

Possuelo esperou um momento antes de responder.

— A ceifa Amazônica tem interesse na recuperação de artefatos inestimáveis. Esses artefatos podem ser encontrados nas ruínas do Museu da Ceifa.

— O coração perdurável? — perguntou Jerico. — Tenho certeza de que o coração está morto, devorado há muito tempo.

— Ele estava em uma redoma protetora. O que quer que reste dele deve ser preservado em um museu — respondeu Possuelo. Em seguida, acrescentou: — E há outros itens.

Quando ficou claro que o ceifador não revelaria mais nada, Jerico disse:

— Certo. Vou instruir as outras tripulações para que resgatem as partes da cidade sobre o planalto mais superior. Mas a minha equipe, e apenas a minha equipe, vai lidar com os destroços na vala.

Possuelo relaxou um pouco. Ele parou um momento para olhar para Jerico com um ar de curiosidade ou admiração, ou talvez um pouco dos dois.

— Quantos anos você realmente tem, Jeri? — ele perguntou. — Sua tripulação me disse que você se restaurou antes de assumir o comando, então você deve ter o dobro da sua idade física... mas você me parece mais velho. Mais sábio. Imagino que essa não tenha sido sua primeira restauração.

Jerico esperou um momento, analisando a melhor forma de responder.

— Não tenho a idade que digo à minha tripulação — Jerico admitiu por fim. Porque uma meia-verdade era melhor do que verdade nenhuma.



O coração perdurável — a origem do nome da grande cidade flutuante — era o coração vivo mais antigo do mundo, e continuava batendo graças a estímulos elétricos e nanitos rejuvenescedores que o mantinham eternamente jovem. Havia batido nove bilhões de vezes, e era um símbolo da conquista humana sobre a morte. No entanto, ele morreria quando a ilha afundou e a eletricidade fora cortada de seus eletrodos.

Como o ceifador Possuelo havia dito, ele estava, sim, protegido dentro de uma redoma de vidro temperado... mas a redoma não tinha conseguido suportar a pressão das profundezas e implodira pouco antes de atingir o fundo. Quanto ao coração propriamente dito — ou o que havia restado dele após a implosão —, ele não apareceria entre os escombros que a equipe de resgate encontraria mais cedo ou mais tarde. Sem dúvida, havia sido devorado — se não pela vida marinha carnívora que tinha sido deixada em um frenesi alimentar artificial, por algum animal carniceiro sortudo que estivera de passagem pelas redondezas.

Enquanto todas as outras equipes de resgate estavam satisfeitas em ir atrás dos mais fáceis, a tripulação de Jeri Soberanis passou semanas trabalhando incansavelmente, com poucos resultados. Enquanto outras tripulações traziam tesouros abundantes à superfície, comandante Soberanis não trouxe praticamente nada.

Como as torres da cidade submersa estavam inclinadas em ângulos vertiginosos, rachando e tombando à menor provocação, era perigoso demais enviar tripulantes para lá. Embora os tasmanianos anfíbios fossem ótimos em resgates superficiais, não podiam mergulhar mais de sessenta metros sem um traje pressurizado. Já tinham perdido um submarino robótico, destruído por um refrigerador imerso que caíra com tudo pela janela de uma torre instável. Claro, qualquer pessoa que fosse morta poderia ser enviada para a revivificação, mas para isso seria preciso recuperar o corpo da vala. Simplesmente não valia o risco.

Possuelo, que costumava ser um homem comedido e não se

irritava facilmente, agora estava propenso a acessos de frustração.

— Sei que é um processo delicado — Possuelo disse depois da quinta semana de mergulhos profundos remotos —, mas lesmas-do-mar se movem mais rápido do que você e sua tripulação!

O que agravava sua frustração era a chegada de mais e mais iates de ceifadores. Representantes de quase todas as ceifas do mundo haviam aparecido — porque todos sabiam que ele estava atrás da Galeria de Relíquias e Futuros. Tudo bem que ela estivesse em um lugar frio e profundo demais até para a luz do sol alcançar... mas longe dos olhos não significava longe do coração.

— Excelência, perdoe se estou sendo impertinente — Jeri disse a Sydney, afinal, agora eles definitivamente eram próximos o bastante para se chamarem pelo primeiro nome —, mas é uma galeria de aço trancada dentro de outra galeria de aço, enterrada sobre mil toneladas de escombros na encosta de um declive perigoso. Mesmo se não estivesse no fundo do mar, seria difícil de alcançá-la. Precisamos de uma engenharia meticulosa, empenho e, acima de tudo, paciência!

— Se não concluirmos isso logo — ralhou Possuelo —, Goddard vai aparecer e pegar tudo que trouxermos à superfície!

Mas Goddard, até então, estranhamente não tinha aparecido. Ele não havia mandado nenhuma equipe de resgate nem representantes para garantir sua parcela de diamantes. Em vez disso, fazia repreensões públicas dizendo que eles estavam violando águas sagradas e desonrando os mortos, alegando não querer nada do que fosse encontrado nas profundezas. Mas era tudo uma farsa. Ele queria os diamantes tanto quanto qualquer outro, se não mais.

O que significava que tinha um plano para consegui-los.

Não havia como negar que Goddard tinha talento para conseguir o que queria, e isso deixava todas as ceifas do mundo com os nervos à flor da pele.

*Ceifa.*

Houve um tempo em que essa palavra representava a organização global como um todo, mas agora o pensamento regional havia

tomado conta. Não existia mais uma noção de Ceifa mundial — apenas politicagens provincianas e disputas mesquinhas.

Possuelo tinha pesadelos com um mundo em que Goddard ficasse com todos os diamantes e pudesse escolher a dedo todos os novos ceifadores. Se isso acontecesse, o mundo penderia tão fortemente a tal “nova ordem” que sairia dos eixos. E as vozes daqueles que resistiam a ele se perderiam entre os lamentos de dor dos que Goddard coletava com tanto prazer.

— Você vai me dizer algum dia o que tem no cofre que colocou uma pulga atrás da orelha de todo mundo? — Jeri perguntou depois de um mergulho considerado “bem-sucedido” porque nenhum equipamento se perdera.

— Uma pulga? Está mais para um ninho de vespas — Possuelo respondeu. — O cofre, como qualquer cofre, contém objetos de grande valor. Mas, neste caso, esses objetos não são do seu interesse, porque são de valor apenas para os ceifadores.

Com isso, Jeri sorriu.

— Ah! Sempre me perguntei onde os anéis de ceifadores eram guardados!

Possuelo se repreendeu por ter aberto a boca.

— Você é inteligente demais para o seu próprio bem.

— Esse sempre foi meu problema — disse Jeri.

Possuelo suspirou. Seria tão ruim assim que Soberanis soubesse? Jerico não era do tipo ganancioso, tratava bem sua tripulação e não havia demonstrado nada além de respeito por Possuelo. O ceifador precisava de alguém em quem pudesse confiar essa história, e a malgaxe amigável havia se revelado digna de confiança. Ou *digno*, já que o céu estava agora coberto por nuvens pesadas.

— Não são os anéis que importam, mas as pedras em si. Muitos milhares de pedras — Possuelo admitiu. — Quem controlar aqueles diamantes vai controlar o futuro da Ceifa.

Embora nós da região da EstrelaSolitária gostaríamos de nos manter neutros na questão, ficou claro para nós no Texas que o Alto Punhal Goddard pretende impor seu desejo a toda Mérica do Norte e, talvez, a todo o mundo. Sem os Grandes Ceifadores para controlar sua ambição, tememos que a influência dele cresça como um câncer da Era Mortal.

Como uma região patente, temos a liberdade de fazer o que bem entendermos dentro de nossas fronteiras. Estamos, portanto, interrompendo o contato com a ceifa midmericana. A partir deste momento, todo e qualquer ceifador midmericano encontrado dentro de nossa região será escoltado para a fronteira mais próxima e deportado.

Nós inclusive questionamos o direito do sr. Goddard de ser o Alto Punhal, visto que Perdura não chegou a publicar nenhum pronunciamento antes da morte dos Grandes Ceifadores.

Por se tratar de uma questão política, não queremos envolver outras regiões em nossa decisão. Outros podem fazer como bem entenderem. Queremos apenas ser deixados em paz.

*Declaração oficial de sua excelência,  
a Alto Punhal Barbara Jordan do Texas*

## 5

# Seus serviços não são mais necessários

*de: Comunicação Primária da Nimbo-Cúmulo  
para: Lorian Barchok LBarchok@IACF.net  
data: 1º de abril do Ano do Velociraptor, 17h15 GMT  
assunto: Re: dissolução da Interface da Autoridade  
enviado por: CPNC.th  
subscrito por: IACF.net  
segurança: criptografia-padrão*

*Caríssima Lorian,*

*Sinto informar que seus serviços como agente nimbo não são mais necessários. Sei que trabalhou da melhor maneira possível, e este afastamento permanente do trabalho não reflete de maneira alguma você ou o seu trabalho para a Interface da Autoridade. Entretanto, decidi dissolver a Interface da Autoridade por completo. A partir de agora, ela deixará de existir como entidade administrativa e, portanto, você está dispensada. Gostaria de lhe desejar sorte em todos os seus desafios futuros.*

*Atenciosamente,  
Nimbo-Cúmulo*

Se alguém tivesse dito a Lorian Barchok que seu trabalho deixaria de existir menos de um ano depois de ela ter saído da Academia Nimbo, ela não teria acreditado. Não teria acreditado em muitas

coisas. Mas todas elas haviam acontecido. Isso significava que, agora, qualquer coisa poderia acontecer. Qualquer coisa. Lorianana não duvidaria se uma mão surgisse do céu com uma pinça e fizesse a sua sobrancelha impunemente. Não que precisasse fazer a sobrancelha; suas sobrancelhas estavam ótimas. Mas poderia acontecer. Ela não duvidava de mais nada neste mundo estranho.

No começo, Lorianana pensou que o e-mail da Nimbo-Cúmulo fosse uma pegadinha. Não faltava quem pudesse fazer esse tipo de coisa nos escritórios da IA da Cidade Fulcral. Mas logo ficou claro que não se tratava de uma pegadinha. Depois daquele barulho terrível e ensurdecedor que soou por todos os aparelhos de som ao redor do mundo, a Nimbo-Cúmulo enviou aquela mesma mensagem a todos os agentes nimbos, no mundo todo. A Interface da Autoridade havia sido fechada; agora todos os agentes estavam desempregados — e eram infratores —, assim como todas as pessoas do mundo.

“Se todo mundo é infrator”, um agente lamentara, “então é óbvio que estamos sem emprego. Era para sermos a interface profissional da Nimbo-Cúmulo. Como podemos fazer isso se somos infratores e, por lei, estamos proibidos de falar com ela?”

“Não tem por que ficar insistindo nesse assunto”, dissera outro colega, que não parecera nem um pouco incomodado. “O que está feito está feito.”

“Mas demitir todos nós?”, Lorianana perguntara. “Todos, sem exceção, sem nenhum aviso prévio? São milhões de pessoas!”

“A Nimbo-Cúmulo tem seus motivos para tudo”, havia dito o colega imperturbável. “O fato de que não conseguimos ver a lógica dela mostra as *nossas* limitações, não as da Nimbo-Cúmulo.”

Depois, quando saíra a notícia do naufrágio de Perdura, tinha ficado evidente, pelo menos para Lorianana, que a humanidade estava sendo punida por aquilo — como se todos fossem cúmplices daquele crime de alguma forma. Então, agora, os Grandes Ceifadores estavam mortos, a Nimbo-Cúmulo estava aborrecida e Lorianana estava desempregada.

Refazer a vida não foi algo fácil. Ela se mudou de volta para a casa dos pais e passou muito tempo sem fazer absolutamente nada. Havia empregos por toda parte — treinamento e ensino gratuito para qualquer profissão. O problema não era encontrar uma carreira, mas encontrar algo que ela realmente quisesse fazer.

Semanas se passaram no que poderia ter sido desespero, mas que fora reduzido para uma melancolia pelos seus nanitos emocionais. Mesmo assim, era uma melancolia profunda e onipresente. Ela não estava acostumada a passar tanto tempo sendo ociosa e improdutiva, e estava completamente despreparada para se deixar levar pelos ventos de um futuro incerto. Sim, todos no mundo estavam sujeitos a esses ventos agora, mas pelo menos os outros tinham trabalhos que os mantinham ligados a algo familiar. Rotinas para manter suas vidas sem a NimboCúmulo em certo simulacro de ordem. Tudo que Lorianana tinha era tempo para remoer as coisas. Era insuportável.

A mando dos pais, ela tinha ido ajustar os nanitos para melhorar seu ânimo — porque nem mesmo a melancolia era tolerada hoje em dia —, mas a fila estava longa demais. Lorianana não aguentou esperar, então foi embora.

“Só os infratores esperam na fila”, ela dissera ao pai quando voltara, referindo-se à maneira como a Nimbo-Cúmulo organizava a Seção de Assuntos Infracionais da IA com uma ineficiência proposital. Foi só depois de dizer isso que ela percebeu o óbvio. Ela também era uma infratora. Isso significava que filas sem propósito e esperas terríveis seriam a norma agora? A percepção trouxe lágrimas aos seus olhos, o que, por sua vez, fez seus pais insistirem ainda mais para que ela voltasse para ajustar seus nanitos.

“Sabemos que as coisas estão diferentes para você agora, mas isso não é o fim do mundo, filha”, seus pais tinham dito. Mas, por algum motivo estranho, ela achou que era sim.

Então, um mês depois de todos no mundo virarem infratores, sua ex-chefe apareceu à sua porta. Lorianana pensou que se tratasse apenas de uma visita de cortesia. Obviamente não seria para recontratá-la, já que sua chefe tinha sido dispensada assim como todos os outros

agentes. Nem os antigos escritórios existiam mais. De acordo com o noticiário, equipes de construção haviam aparecido em sedes da Interface da Autoridade de todo o mundo para converter os edifícios em prédios residenciais e centros de recreação.

— A ordem de serviço simplesmente apareceu — disse um mestre de obras na reportagem. — E ficamos felizes em fazer a vontade da Nimbo-Cúmulo! — Ordens de serviço, solicitações de material e coisas do tipo eram o mais próximo que qualquer pessoa tinha de uma comunicação com a Nimbo-Cúmulo naquele cenário. Quem as recebia era alvo de inveja.

Sua chefe tinha sido a diretora do escritório da Cidade Fulcral. Lorianana era a única agente júnior que trabalhava com a diretora Hilliard. Pelo menos isso ficava bonito no currículo que Lorianana nunca chegou a mandar.

Agora, como ela havia se tornado a assistente pessoal da diretora tinha menos a ver com suas capacidades profissionais e mais com sua personalidade. Bem-humorada, alguns diriam, embora outros a descrevessem como irritante.

“Você é sempre tão animada”, a diretora Hilliard havia dito quando oferecera o cargo para ela. “Precisamos de mais pessoas assim por aqui.”

Aquilo era verdade — os agentes nimbos não eram conhecidos por sua personalidade vivaz. Ela se esforçava ao máximo para animar as coisas e sempre via o copo meio cheio, o que, na maioria das vezes, incomodava os outros agentes. Bem, isso era problema deles. Lorianana suspeitava que a diretora Hilliard sentia certo prazer secreto em ver seus subordinados regularmente irritados pelo otimismo de Lorianana. Entretanto, essas muitas semanas sem nada para fazer e sem nenhuma perspectiva para o futuro, haviam implodido a maior parte de seu bom humor, deixando-a tão insossa quanto qualquer outro agente nimbo.

— Tenho um trabalho para você — a diretora Hilliard disse. — Na verdade, é mais do que um trabalho — ela se corrigiu. — É uma missão.



Loriana ficou emocionada; era a primeira sensação positiva que tinha desde que a Interface da Autoridade fechara as portas.

— Tenho de avisar você — a diretora Hilliard continuou. — Essa missão vai envolver algumas viagens.

Embora Loriana tivesse muito mais aptidão para ficar parada, ela sabia que essa poderia ser a única oportunidade que teria no futuro próximo.

— Muito obrigada! — Loriana disse, apertando vigorosamente a mão da sua chefe por muito mais tempo do que outras pessoas teriam apertado.

E agora, duas semanas depois, ela estava no meio do oceano em um navio pesqueiro que não pescava nada, mas ainda assim fedia a atum.

“Não tinha muitas opções de navio disponíveis”, a diretora Hilliard havia dito a todos. “Tivemos que pegar o que dava.”

Como veio a descobrir, Loriana não fora a única escolhida para essa missão. Centenas de agentes nimbos tinham sido trazidos. Agora, eles ocupavam uma dezena de barcos discrepantes. Uma flotilha confusa e estranha a caminho do sul do Pacífico.

— 8.167, 167.733 — Hilliard disse a eles na reunião preliminar. — Esses números foram fornecidos por uma fonte confiável. Achamos que representam coordenadas. — Então ela abriu um mapa e assinalou um ponto entre o Havaí e a Austrália. O ponto marcado não exibia nada além de mar vazio.

— Mas o que faz você pensar que são coordenadas? — Loriana perguntou à diretora depois da reunião. — Quero dizer, se tudo que vocês tinham eram números aleatórios, eles poderiam significar qualquer coisa. Como podem ter tanta certeza?

— Porque — a diretora lhe confidenciou —, assim que verbalizei minhas suspeitas de que poderiam ser coordenadas, comecei a receber anúncios de fretamento de navios em Honolulu.

— A Nimbo-Cúmulo?

Hilliard assentiu.

— Por mais que seja contra a lei para a Nimbo-Cúmulo se comunicar com infratores, não é ilegal dar *indiretas*.

No quarto dia de viagem — ainda a centenas de quilômetros das coordenadas —, as coisas começaram a ficar estranhas.

Tudo começou quando o piloto automático perdeu a conexão com a Nimbo-Cúmulo. Sem a conexão, ele ainda conseguia navegar, mas não solucionar problemas. Era apenas uma máquina irracional. Não apenas isso, mas eles também perderam a conexão via rádio com o mundo exterior. Esse tipo de coisa simplesmente não acontecia. A tecnologia funcionava. Sempre. Mesmo depois que a Nimbo-Cúmulo entrara em silêncio. E, na ausência de respostas, as especulações começaram a pipocar.

— E se for no mundo inteiro?

— E se a Nimbo-Cúmulo estiver morta?

— E se agora estivermos completamente sozinhos no mundo?

— Vamos dar meia-volta — exclamou um dos agentes, chamado Sykora, um homem impaciente que vinha sendo contrário a tudo desde o princípio. — Vamos voltar e esquecer essa loucura toda.

Foi Lorianana quem fez a observação crucial quando olhou para a tela de erro piscante.

— Diz que estamos a trinta milhas náuticas da boia de rede mais próxima — ela disse. — Mas elas costumam ficar a vinte milhas uma da outra, certo?

Uma olhada rápida na rede de boias não exibiu nenhum sinal de sua presença. O que significava que a Nimbo-Cúmulo também não estava presente naquelas águas.

— Interessante... — disse a diretora Hilliard. — Bem observado, agente Barchok.

Lorianana quis se inflar com o elogio, mas se conteve.

Hilliard observou as águas não mapeadas à frente.

— Sabia que o olho humano tem um grande espaço vazio bem

no centro de seu campo de visão?

Loriana assentiu.

— O ponto cego.

— Nossos cérebros nos dizem que não há nada ali e preenche as lacunas para que não notemos.

— Mas, se a Nimbo-Cúmulo tem um ponto cego, como ela saberia que ele existe?

A diretora Hilliard arqueou as sobrancelhas.

— Talvez alguém tenha contado para ela...

Continuo a manter este diário, embora não seja mais necessário. É difícil romper um hábito depois que ele finca raízes em nossa essência. Munira me promete que, aconteça o que acontecer, ela vai dar um jeito de colocar este diário no arquivo da Biblioteca de Alexandria. Isso seria inédito! Um ceifador que continua a escrever seu diário dia após dia mesmo depois da morte.

Estamos aqui no atol Kwajalein há seis semanas, sem nenhuma comunicação com o mundo exterior. Embora eu anseie por notícias de Marie e por saber como ela se saiu no inquérito de Perdura, não posso ficar pensando sobre isso. Ou tudo correu bem e ela está presidindo MidMérica como Alto Punhal... ou não, o que torna nossa missão ainda mais crucial. Mais uma razão para revelar os segredos do atol e ter acesso à sabedoria dos fundadores da Ceifa. O plano de contingência deles para o fracasso da Ceifa, seja qual for, pode ser a única coisa capaz de salvá-la.

Eu e Munira estabelecemos residência no bunker que encontramos. Também construímos uma canoa rudimentar que é pequena o suficiente para burlar o sistema de segurança da ilha. Ela não é capaz de ir muito longe, claro, mas a estamos usando para remar até as ilhas mais próximas do atol. Lá, encontramos basicamente o mesmo que encontramos aqui: evidências de habitações antigas. Lajes de concreto, fragmentos de alicerces. Nada de extraordinário.

Descobrimos, porém, o propósito original do lugar — ou, pelo menos, como ele era usado perto do fim da Era Mortal. O atol Kwajalein era uma base militar. Não para o ato de promover guerra em si, mas como um campo de testes para novas tecnologias. Ao passo que alguns dos atóis da região sofreram explosões por causa de testes de armamentos nucleares, este era usado para o teste de foguetes — bem como para o lançamento de satélites espões —, alguns dos quais ainda podem estar na rede de satélites de observação da Nimbo-Cúmulo.

Agora está claro por que os fundadores da Ceifa escolheram este lugar: ele já era protegido por camadas de sigilo. Assim, com uma fundação de segredos já preparada, ficou mais fácil apagar completamente o lugar do

mundo.

Se ao menos pudéssemos ter acesso a tudo no bunker, poderíamos descobrir como os fundadores da Ceifa adaptaram aqui. Infelizmente, não conseguimos descer para além do andar mais próximo da superfície. O resto da base está atrás de uma porta com uma fechadura de duas pedras que exige dois ceifadores — um à esquerda, um à direita da porta — para abri-la.

Quanto ao sistema de defesa da ilha, não sabemos como desativá-lo, mas o fato de estarmos literalmente fora de todos os radares torna isso irrelevante. O problema é que, agora que estamos aqui — quer encontremos algo ou não —, não temos como sair.

Do diário "*post mortem*" do ceifador Michael Faraday,  
em 14 de abril do Ano do Velociraptor